

Mikhail Bulgákov

UM CORAÇÃO DE CACHORRO  
E OUTRAS NOVELAS

Homero Freitas de Andrade

*Seleção, Tradução do Russo e Notas  
Apontamentos sobre a Prosa Satírica de Mikhail Bulgákov*



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

*Reitor* João Grandino Rodas  
*Vice-reitor* Franco Maria Lajolo



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

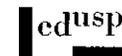
*Diretor-presidente* Plínio Martins Filho

COMISSÃO EDITORIAL

*Presidente* José Mindlin  
*Vice-presidente* Carlos Alberto Barbosa Dantas

Adolpho José Melfi  
Benjamin Abdala Júnior  
Maria Arminda do Nascimento Arruda  
Nélio Marco Vincenzo Bizzo  
Ricardo Toledo Silva

*Diretora Editorial* Silvana Biral  
*Editoras-assistentes* Marilena Vizenin  
Carla Fernanda Fontana



## DIABOLÍADA

*Relato de como um Par de Gêmeos  
Desgraçou um Escriturário*

### I

#### A OCORRÊNCIA DO DIA 20

Enquanto todos viviam pulando de um emprego para outro, o camarada Korotkov<sup>1</sup> fincava-se como escriturário titular na Glavtsentrazspimat (Depósito Matriz Central de Materiais para Fósforos) e chegou a completar onze meses de trabalho.

Aconchegado ao calor da Spimat<sup>2</sup>, o terno, o silencioso loiro, Korotkov, enxotara definitivamente de seu espírito o pensamento de que existem no mundo os assim chamados reveses do destino, e no lugar inculcava a certeza de que ele – Korotkov – trabalharia no depósito até o fim de seus dias na terra. Mas, infelizmente, não foi bem assim que aconteceu...

No dia 20 de setembro de 1921, o caixa da Spimat cobriu-se com seu nauseabundo gorro orelhudo, arrumou numa pasta a listagem das ordens de pagamento e saiu. Isso foi às 11 horas da manhã.

O caixa voltou às 4:30 da tarde, enopado dos pés à cabeça. Ao chegar, sacudiu a água do gorro, colocou o gorro sobre a mesa, pôs em cima a pasta e foi dizendo:

1. Sobrenome formado a partir do adjetivo *korótkii* (curto, rápido).
2. Preferiu-se manter as siglas como no original. No caso, Spimat é a abreviação de *spitchétchnie* (para fósforos, fosfóricos) *matieriáli* (materiais).

– Nada de atropelos, senhores.

Em seguida, vasculhou a mesa por algum motivo, saiu da sala e voltou um quarto de hora mais tarde com uma enorme galinha morta, de pescoço torcido. A galinha, ele a colocou sobre a pasta, pôs em cima sua mão direita e anunciou:

– Não haverá dinheiro.

– Amanhã? – gritaram as mulheres em coro.

– Não – o caixa meneou a cabeça –, nem amanhã e nem depois de amanhã. Senhores, não empurrem, senão vão me virar a mesa, camaradas.

– O quê? – gritaram todos, inclusive o ingênuo Korotkov.

– Cidadãos! – pôs-se a choramingar o caixa e afastou Korotkov com uma cotovelada. – Façam o favor!

– E então como é que fica? – gritaram todos e mais alto ainda o cômico Korotkov.

– Ora, por favor – murmurou enrouquecido o caixa e, retirando da pasta a ordem de pagamento, mostrou-a para Korotkov.

Acima do lugar onde o caixa cravara a unha suja, estava escrito de través com tinta vermelha:

“Pagar. Para o camarada Subbótnikov<sup>3</sup> – Senado.”

Mais embaixo, com tinta roxa, vinha escrito:

“Não há dinheiro. Para o camarada Ivanov – Smírnov.”

– O quê? – berrou sozinho Korotkov e os demais caíram bufando em cima do caixa.

– Ai, meu Deus! – choramingou desnortecado o outro. – Que culpa tenho eu? Deus do céu!

Enfiando às pressas a ordem de pagamento na pasta, ele vestiu o gorro, meteu a pasta debaixo do braço, brandiu a galinha e gritou: “Deixem-me passar, por favor!” – e, cavando uma brecha na parede viva, desapareceu pela porta.

Atrás dele, piando, saiu correndo uma secretária branquicela, de salto alto pontiagudo, mas o salto esquerdo soltou-se com um estalido junto à porta, a secretária cambaleou, ergueu a perna e tirou o sapato.

E assim ficou ela na sala, descalça de um pé, e lá ficaram todos, inclusive Korotkov.

3. O nome alude a *subbótnik*, trabalho coletivo voluntário e não remunerado para a execução de tarefas de utilidade pública, realizado aos sábados (*subbota*).

## II

### OS RESULTADOS DA PRODUÇÃO

Três dias depois do acontecimento descrito, a porta da sala onde o camarada Korotkov trabalhava sozinho foi entreaberta e a cabeça chorosa de uma mulher disse com maldade:

– Camarada Korotkov, vá receber o ordenado.

– O quê? – exclamou alegremente Korotkov e assobiando a abertura da *Carmen*<sup>4</sup>, correu para a sala com a inscrição “Caixa”. Junto à mesa do caixa ele parou de queixo caído. Duas grossas colunas formadas por pacotes amarelos elevavam-se até o teto. Para não ter de responder a qualquer pergunta que fosse, o caixa suado e nervoso pregara com um percevejo na parede a ordem de pagamento, na qual havia agora uma terceira anotação a tinta verde:

“Pagar com os resultados da produção.

Para o camarada Bogoiavliénski – Preobrajénski<sup>5</sup>.

E eu endosso – Kchessínski<sup>6</sup>”.

Korotkov afastou-se dali com um sorriso largo e tolo. Tinha em mãos 4 grandes pacotes amarelos, 5 pequenos dos verdes, e nos bolsos 13 caixinhas de fósforos azuis. Em sua sala, escutando o rumor das vozes cheias de espanto que vinham do escritório, embalou os fósforos em duas folhas grandes do jornal do dia e, sem dizer nada a ninguém, saiu do serviço para casa. Às portas da Spimat, por pouco ele não foi parar embaixo de um automóvel, no qual alguém estava chegando, mas, quem exatamente, Korotkov não conseguiu ver.

Ao chegar a casa, arrumou os fósforos em cima da mesa e, recuando, pôs-se a admirá-los. O sorriso tolo não abandonara seu rosto. Daí, Korotkov eriçou os cabelos loiros e disse lá com seus botões:

– Pois é, de nada adianta desanimar agora. É tratar de vendê-los.

Foi bater à porta da vizinha, Aleksandra Fiódorovna, funcionária da Gubvinsklad<sup>7</sup>.

4. Ópera criada em 1874 pelo compositor francês Georges Bizet (1838-1875).

5. Sobrenomes formados a partir de adjetivos relativos a “fenômeno divino” e “transfiguração”, respectivamente.

6. Sobrenome formado provavelmente a partir de *kch*, brado com que se enxotam aves.

7. Sigla fictícia de Gubiérnski Vinni Sklad (Depósito Distrital de Vinho).

– Entre – ressoou no cômodo uma voz abafada.

Korotkov entrou e ficou pasmo. De volta do trabalho mais cedo, Aleksandra Fiódorovna, ainda de casaco e gorriño, estava acocorada no chão. À sua frente havia uma fileira de garrafas arrolhadas com papel jornal, cheias de um líquido espesso de cor vermelha. O rosto de Aleksandra Fiódorovna estava banhado em lágrimas.

– Quarenta e seis – disse ela, virando-se para Korotkov.

– É tinta?... Olá, Aleksandra Fiódorovna – articulou o estupefato Korotkov.

– Vinho de missa – respondeu soluçando a vizinha.

– O quê, a senhora também? – surpreendeu-se Korotkov.

– O senhor também recebeu vinho de missa? – admirou-se Aleksandra Fiódorovna.

– Fósforos – respondeu Kovotkóv com voz sumida, e torceu um botão do paletó.

– Vai ver que já não acendem mais! – gritou Aleksandra Fiódorovna, erguendo-se e alisando a saia.

– Como assim, não acendem? – assustou-se Korotkov e correu para seu quarto. Ali, sem perder um minuto sequer, apanhou uma caixa, abriu-a com estrépito e riscou um fósforo. O palito, chiando, incendiou-se numa fagulha esverdeada, partiu-se e apagou. Korotkov, perdendo o fôlego por causa do cheiro cáustico de enxofre, pôs-se a tossir dolorosamente e acendeu um segundo. Este, por sua vez estourou, disparando duas faíscas. A primeira acertou o vidro da janela, a segunda o olho esquerdo do camarada Korotkov.

– A-ai! – berrou Korotkov, deixando a caixa cair.

Por alguns instantes ele piaçou feito um burro xucro, tapando o olho com a palma da mão. Depois, apavorado, deu uma espiada no espelhinho de barbear, certo de que perdera o olho. Mas o olho continuava no lugar. É verdade que ficara vermelho e vertia lágrimas.

– Ai, meu Deus! – afligiu-se Korotkov e tirou imediatamente da cômoda uma bandagem americana individual<sup>8</sup>, abriu-a, envolveu a metade esquerda da cabeça e ficou parecendo um ferido de guerra.

Durante a noite inteira, Korotkov não apagou a luz e permaneceu deitado, riscando fósforos. Riscou assim três caixas, tendo conseguido acender 63 palitos.

– Mentira, bobona – resmungava Korotkov –, fósforos perfeitos.

Ao raiar do dia o quarto estava empestado pelo cheiro sufocante do enxofre. Korotkov pegou no sono ao amanhecer e teve um sonho bobo, assustador: num prado verdejante, veio ao seu encontro uma enorme bola de bilhar viva, com perninhas. A coisa era tão desagradável que Korotkov pôs-se a gritar e acordou. Na escuridão turva, por uns cinco segundos ainda, perdurou a impressão de que a bola estava ali, ao pé de sua cama, tresandando intensamente a enxofre. Mas em seguida tudo sumiu; revirando-se, Korotkov adormeceu e dessa vez sem interrupções.

### III

#### APARECEU O CARECA

Na manhã seguinte, ao remover a faixa, Korotkov verificou que seu olho já estava quase curado. Porém, o exageradamente cauteloso Korotkov resolveu por ora não tirar a atadura.

Chegando ao serviço com grande atraso, e para não suscitar falatórios entre os funcionários subalternos, o ladino Korotkov rumou direto para sua sala e encontrou um papel sobre a mesa, no qual o chefe da subseção de suprimentos perguntava ao chefe do depósito se o uniforme seria entregue às datilógrafas. Depois de ler o papel com o olho bom, Korotkov pegou-o e seguiu o corredor até o gabinete do chefe do depósito, camarada Tchekúchin<sup>9</sup>.

Foi então que às portas do próprio gabinete, Korotkov trombou com um desconhecido, cujo aspecto o deixou impressionado.

O tal desconhecido era de estatura tão baixa que mal chegava à cintura do alto Korotkov. A baixa estatura era compensada pela extraordinária largura dos ombros do desconhecido. O torso quadrado assentava-se sobre pernas tortas, sendo que a esquerda era coxa. Porém o mais notável de tudo era a cabeça. Ela evocava o modelo perfeito e gigantesco de um

8. Em 1920, a Rússia soviética recebia víveres e medicamentos da American Relief Administration (ARA) como ajuda que este órgão do governo americano prestava aos países aliados na Primeira Guerra Mundial. Essa ajuda foi suspensa a partir de 1921.

9. Sobrenome formado provavelmente a partir da sigla da Comissão extraordinária para o combate à contrarrevolução, sabotagem e especulação (*Tcheká*), que funcionou na Federação Russa de 20 de dezembro de 1917 a 1921.

ovo, plantado horizontalmente no pescoço e com a extremidade pontuda para a frente. Tinha uma careca que também parecia um ovo e tão brilhante que, no cocoruto do desconhecido, as lâmpadas elétricas reluziam sem piscar. O rosto miúdo do desconhecido fora escanhoado até ficar azul e olhos verdes pequenos, feito cabeça de alfinete, acomodavam-se nas órbitas profundas. O corpo do desconhecido vestia uma túnica militar costurada de um cobertor cinza, desabotoada, da qual despontava a camisa ucraniana bordada, as pernas estavam metidas em calças do mesmo tecido e em botas baixas à moda de um hussardo dos tempos de Alexandre <sup>10</sup>.

“T-tipinho”, pensou Korotkov e precipitou-se para a porta de Tchekúchin, empenhado em transpor o careca. Mas este, de todo inesperadamente, barrou o caminho de Korotkov.

– O que deseja? – perguntou o careca a Korotkov, com tal voz que o nervoso escriturário estremeceu. A voz era perfeitamente parecida com o som de um tacho de cobre e caracterizava-se por um timbre tal, que, a escutá-lo, a cada palavra, produzia ao longo da espinha dorsal um comichão de estilhaços de ferro. Além disso, Korotkov teve a impressão de que as palavras do desconhecido sabiam a fósforos. A despeito de tudo, o tapado Korotkov fez o que de modo algum devia ser feito: ofendeu-se.

– Hum... muito esquisito. Estou levando um papel... Mas permita-me saber quem é o senhor assim...

– Não está vendo a inscrição na porta?

Korotkov examinou a porta e avistou a inscrição conhecida de longa data: “Não entre sem ser anunciado”<sup>11</sup>.

– Mas sou eu quem tem o que anunciar – Korotkov cometeu a asneira de dizer, exibindo seu papel.

O careca quadrado irritou-se de repente. Seus olhinhos chisparam faíscas amareladas.

– O senhor, camarada – disse ele, aturdindo Korotkov com os sons de panela – é tão burro que não entende o significado das mais simples inscrições funcionais. Me admira muito que tenha trabalhado até agora. Em geral, aqui entre vocês há coisas muito interessantes, por exemplo, estes olhos pisados a cada passo. Deixe estar, poremos tudo em ordem. (“A-ah!”, exclamou Korotkov para si mesmo.) Dê cá!

10. Czar russo, neto de Catarina II, que governou de 1801 a 1825.

11. A expressão, retirada da linguagem burocrática, é ambígua. Significa, literalmente, “Não entre sem ser anunciado”, mas também “Não entre sem relatório”.

E, com as últimas palavras, o desconhecido arrancou o papel das mãos de Korotkov, leu-o no ato, tirou do bolso das calças um lápis-tinta todo roído, encostou o papel na parede e escreveu algumas palavras de atravessado.

– Pode ir! – urrou ele e arremeteu o papel para Korotkov de tal modo, que por pouco não lhe furou também o último olho. A porta do gabinete uivou e engoliu o desconhecido, deixando Korotkov embasbacado – no gabinete, nem sombra de Tchekúchin.

O desconcertado Korotkov voltou a si dali a meio minuto, quando deu de cara com Lídotchka de Rúni, secretária particular do camarada Tchekúchin.

– A-ah! – exclamou o camarada Korotkov. O olho de Lídotchka também estava coberto com aquele mesmo curativo individualizado, com a diferença de que as pontas da atadura eram atadas num gracioso laço.

– O que é que foi aí?

– Fósforos! – respondeu irritada Lídotchka. – Malditos!

– Quem é esse que está aí? – perguntou num sussurro o abatido Korotkov.

– Por acaso você não sabe? – cochichou Lídotchka. – É o novo.

– O quê? – pipilou Korotkov. – E Tchekúchin?

– Foi posto no olho da rua ontem – disse Lídotchka venenosamente e, apontando o gabinete com o dedo, acrescentou:

– Um safado! Um traste! Tão asqueroso assim eu nunca vi na minha vida. Berra! Quer demitir!... Cueca careca! – ajuntou inesperadamente, tanto que Korotkov esbugalhou o olho para ela.

– Qual é o no...

Korotkov não conseguiu terminar a pergunta. Atrás da porta do gabinete estrondou uma voz terrível: “Contínuo!” O escriturário e a secretária debandaram imediatamente cada qual para um lado diferente. Depois de chegar a toda à sua sala, Korotkov sentou-se à mesa e fez para si mesmo o seguinte discurso:

– Ai, iai, iai... Pois é, Korotkov, você deu com os burros n’água. É preciso dar um jeito nesse troço. “Burro”... Hm... Descarado... Tá bom! Você verá se Korotkov é burro mesmo.

E com o único olho o escriturário leu o escrito do careca. No papel estava garatujado: “A todas as datilógrafas e às mulheres em geral serão oportunamente distribuídas ceroulas de soldado”.

– Essa é boa! – exclamou admirado Korotkov e estremeceu de volúpia ao imaginar Lidotchka em ceroulas de soldado. No ato, ele arrancou uma folha de papel em branco e em três tempos rabiscou:

“Telefonograma.

“Ao chefe da Subseção de Suprimentos ponto. Em resposta ao ofício de V. Sa., de nº 0,15015 (6) de 19 do corrente vírgula a Glavspimat comunica que a todas as datilógrafas e mulheres em geral serão oportunamente distribuídas ceroulas de soldado ponto. O chefe traço assinatura Escriturário traço Varfolomieï Korotkov ponto”.

Chamou e, quando o contínuo Panteliéimon apareceu, disse:

– Para o chefe assinar.

Panteliéimon contraiu os lábios, pegou o papel e saiu.

Quatro horas mais tarde, Korotkov, sem sair de sua sala, permanecia de orelhas em pé, de modo que, se o novo chefe inventasse de percorrer o local, iria encontrá-lo totalmente mergulhado no trabalho. Porém, do terrível gabinete não vinha qualquer som. Só uma vez chegou até ali uma voz confusa de ferro gusa, que parecia ameaçar alguém de demissão, mas quem, exatamente, Korotkov não conseguiu distinguir, ainda que de ouvido colado no buraco da fechadura. Às três e meia da tarde, além da parede do escriturário ecoou a voz de Panteliéimon:

– Saiu de carro.

No mesmo instante, o escritório começou a rumorejar e debandou. Por último e sozinho, o camarada Korotkov foi para casa.

#### IV

##### PARÁGRAFO PRIMEIRO:

##### KOROTKOV É POSTO NO OLHO DA RUA

Na manhã seguinte, Korotkov verificou com alegria que seu olho não precisava mais de ataduras, por isso tirou aliviado o curativo e, de repente, melhorou de cara e de ânimo. Depois de tomar o chá às pressas, Korotkov apagou o Primus<sup>12</sup> e disparou para o serviço, tratando de não se atrasar, e atrasou 50 minutos porque o bonde, em vez do itinerário seis, pegou o caminho do circular sete, embrenhando-se por ruas afastadas com casi-

nhas minúsculas e lá encrencou. Korotkov venceu a pé três verstas e, sem fôlego, entrou correndo no escritório bem na hora em que o relógio da cozinha do Rododendro<sup>13</sup> batia pela décima primeira vez. No escritório esperava-o um espetáculo totalmente inusitado para as onze horas da manhã. Lidotchka de Rúni, Mílotchka Litvotseva, Anna Evgráfovna, o velho guarda-livros Drozd<sup>14</sup>, o instrutor Guítis, Nomerátski<sup>15</sup>, Ivanov, Muchka<sup>16</sup>, a moça do protocolo, o caixa – numa palavra, o escritório todo não se encontrava sentado em seu lugar às mesas de cozinha do antigo restaurante Rododendro, mas permanecia de pé, amontoada em apertados grupinhos junto à parede, na qual fora afixado um quadradinho de papel. À entrada de Korotkov, fez-se um silêncio repentino, e todos baixaram os olhos.

– Bom dia, senhores, de que se trata? – perguntou o surpreso Korotkov.

A multidão abriu alas em silêncio e Korotkov chegou até o papel. As primeiras linhas surgiram-lhe firmes e nítidas, as últimas através de uma névoa lacrimosa, de aturdimento.

##### *Ordem N. 1<sup>17</sup>*

*§1. Pelo comportamento inadmissivelmente negligente para com o próprio dever, que provoca uma desordem revoltante em importantes documentos funcionais, bem como pelo comparecimento ao serviço com a aparência indecorosa do rosto machucado ao que tudo indica numa briga, o camarada Korotkov está demitido a partir de hoje, 26 do corrente, devendo receber o dinheiro do bonde até o dia 25, inclusive.*

O parágrafo primeiro, ao mesmo tempo, era também o último, e embaixo do parágrafo sobressaía em letras graúdas a assinatura:

*Chefe Kuéker<sup>18</sup>.*

13. Restaurante moscovita que se localizava à rua Sofiika (depois Púchetchnaia), n. 4.

14. Sobrenome formado a partir do substantivo *drozd* (melro, tordo). Mais adiante a personagem é chamada de *Skvórets* (estorninho).

15. Sobrenome formado a partir de *nómer* (número).

16. Apelido, diminutivo de *múkha* (mosca), significando “mosquinha” (inseto), ou “mosca” (pinta postiça).

17. Embora diferente no conteúdo, esta ordem, enquanto enunciado, remete à famosa “Ordem n. 1” dos primeiros dias da Revolução, que aboia as patentes no exército (14 mar. 1917).

18. Kalsóner, no original. Sobrenome de sonoridade alemã, formado a partir de *kalsóni* (cuecas, ceroulas).

12. Marca de fogareiro a querosene, muito popular na época.

Por vinte segundos reinou um silêncio absoluto na empoeirada sala de cristais do Rododendro. E mais do que todos, mais profunda e mortalmente em silêncio permaneceu o esverdeado Korotkov. Aos vinte e um segundos, o silêncio foi rompido.

– O quê? O quê? – retiniu duas vezes Korotkov, exatamente como uma taça rododêndrica espatifada por um tacão. O sobrenome dele é Kuéker?...

Ante a terrível palavra, os funcionários chisparam para todos os lados e num relance repimpam-se às mesas, como corvos em fio de telégrafo. A cara de Korotkov passou do verde úmido de bolor para o púrpura sarapintado.

– Ai, iai, iai, – Skovórets pôs-se a buzinar ao longe, emergindo do livro-caixa – como é que você, paizinho, foi aprontar uma coisa dessas? Hein?

– Eu pen-pensava, pensava... – Korotkov estalou em estilhaços de voz – em vez de “Kuéker”, li “Kuekas”. Ele escreve o nome com letra minúscula!

– Eu é que não vou usar cuecas, ele pode esperar sentado! – tiniu cristalina Lídotchka.

– Psiu! – sibícou Skvórets feito serpente – O que estão pensando?

Ele mergulhou, escondeu-se no livro-caixa, protegendo-se com as páginas.

– A propósito do rosto, ele não tem razão! – gritou baixinho Korotkov, passando do púrpura ao branco-arminho – eu, por causa dos nossos malditos fósforos, queimei o olho, como a camarada de Rúni!

– Pst! – piou o pálido Guítis – Estão vendo só? Ontem ele experimentou os fósforos e achou que eram excelentes.

– T-r-r-r-r-rrr – pôs-se a tocar inesperadamente a campainha elétrica em cima da porta... e no ato o corpo roliço de Panteliéimon despencou da banqueta e saiu rolando pelo corredor.

– Não! Eu me explico. Eu me explico! – cantou Korotkov num tom elevado e agudo, depois precipitou-se à esquerda, precipitou-se à direita, percorreu uns dez passos no mesmo lugar, refletindo-se todo deformado nos espelhos poeirentos do Rododendro, assomou no corredor e correu até a luz fraca da lâmpada, que pendia acima da tabuleta “Gabinetes Particulares”. Fôlego perdido, ele estacou diante da terrível porta para voltar a si nos braços de Panteliéimon.

– Camarada Panteliéimon – começou muito agitado Korotkov. – Você, por favor, me solte. Preciso falar com o chefe agora mesmo...

– Impossível, impossível, ordem de não entrar ninguém – rouquejou Panteliéimon e, com um terrível bafo de cebola, arrefeceu a firmeza de Korotkov –, é impossível. Vá, vá, senhor Korotkov, senão, por sua causa, será minha desgraça...

– Panteliéimon, eu preciso mesmo – suplicou Korotkov, sufocando – ali, está vendo, meu caro Panteliéimon, apareceu uma ordem... Solte-me, meu bom Panteliéimon.

– Ah, meu Deus do céu... – resmungou Panteliéimon, virando-se horrizado para a porta – estou lhe dizendo, é impossível. É impossível, camarada!

No gabinete, atrás da porta, a campainha do telefone retiniu e uma voz grave, de cobre, retumbou:

– Irei! Imediatamente!

Panteliéimon e Korotkov abriram alas; a porta foi escancarada, e Kuéker, de boné e com uma pasta embaixo do braço, disparou pelo corredor. Panteliéimon trotou atrás dele e, atrás de Panteliéimon, algo titubeante, precipitou-se Korotkov. Numa virada do corredor, o pálido e alvoroçado Korotkov, desviando dos braços de Panteliéimon, ultrapassou Kuéker e pôs-se a correr de costas à sua frente.

– Camarada Kuéker – balbuciou com voz entrecortada –, permita-me dizer-lhe, um minutinho... Estou aqui por causa daquela ordem...

– Camarada! – retumbou furioso o apressado e preocupado Kuéker, enxotando Korotkov na corrida – O senhor não vê que estou ocupado? Estou de saída! Estou de saída!...

– Mas eu, a propósito da ord...

– Será que o senhor não vê que estou ocupado?... Camarada! Dirija-se ao escritório.

Kuéker saiu correndo para o saguão, onde sobre um tablado ficava o enorme e abandonado órgão do Rododendro.

– Mas o escriturário sou eu! – esganiçou Korotkov, suando em pânico. Ouça-me, camarada Kuéker!

– Camarada! – apitou Kuéker feito sirene, sem dar ouvidos e sem parar. Virando-se para Panteliéimon, gritou: – Tome providências para que não me detenham!

– Camarada! – rouquejou assustado Panteliéimon – Por que o está de-  
tendo?

E sem saber que providências tomar, tomou a seguinte: agarrou Ko-  
rotkov pelo tronco e apertou-o de leve contra si, como se fosse a mulher  
amada. A providência surtiu efeito, Kuéker sumiu, como se rolasse esca-  
da abaixo sobre patins, indo desembocar na entrada principal.

– Pit! Pitt! – urrava a motocicleta além das vidraças, espocou cinco  
vezes e, depois de cobrir de fumaça as janelas, desapareceu. Somente en-  
tão Panteliéimon soltou Korotkov, enxugou o suor do rosto e berrou:

– É a des-graça!

– Panteliéimon... – perguntou Korotkov com um tremor na voz –  
onde ele foi? Diga logo, foi atrás de outro, você sabe...?

– No Tsentrosnab<sup>19</sup>, acho.

Korotkov disparou pela escada como um pé de vento, irrompeu no  
vestiário, apanhou sobretudo e boné e saiu correndo à rua.

## V

### UM TRUQUE DIABÓLICO<sup>20</sup>

Korotkov deu sorte. Nesse exato instante um bonde passava diante  
do Rododendro. Depois de um pulo certeiro, Korotkov desembestou bonde  
adentro, esbarrando ora na roda de freio, ora nas mochilas às costas dos  
passageiros. A esperança incendiava-lhe o coração. A motocicleta se atra-  
sara por algum motivo e agora chilreava à frente do bonde, e Korotkov  
ora perdia de vista, ora tornava a avistar as costas quadradas numa nu-  
vem de fumaça azul. Durante uns cinco minutos trombaram e prensaram  
Korotkov no corredor do bonde, por fim, diante do edifício cinzento do  
Tsentrosnab a motocicleta parou. O corpo quadrado foi engolido pelos  
pedestres e sumiu. Korotkov desceu do bonde andando, girou no eixo, caiu,  
machucando o joelho, apanhou o boné e, bem nas barbas de um automó-  
vel, correu para o saguão.

Cobrindo o assoalho com manchas úmidas, dezenas de pessoas cho-  
cavam-se com Korotkov ou o deixavam para trás. As costas quadradas  
apareceram de relance no segundo degrau da escada, e, ofegando, Korot-

kov correu atrás delas. Kuéker subia numa velocidade inusitada, antina-  
tural, e o coração de Korotkov apertava-se ao pensamento de que o dei-  
xaria escapar. E foi o que aconteceu. No quinto patamar, quando o  
escriturário perdeu literalmente as forças, as costas dissolveram-se na massa  
de vultos, gorros e pastas. Como um raio, Korotkov voou para o patamar  
e, por um instante, hesitou diante da porta em que havia duas inscrições.  
Uma dourada sobre fundo verde, com grafia antiga<sup>21</sup> Dormitório de Pen-  
sionistas, a outra, preta sobre branco, na atual grafia, *Natchkantsprav-  
dielsnab*<sup>22</sup>. Sem pensar, Korotkov precipitou-se por essa porta e deu de  
cara com enormes jaulas envidraçadas e muitas mulheres loiras correndo  
entre elas. Korotkov abriu o primeiro compartimento de vidro e deparou-  
se com um sujeito de terno azul. Estava escarapachado na mesa e ria ale-  
gremente ao telefone. No segundo compartimento, havia sobre a mesa uma  
coleção das obras completas de Schoeller-Mikháilov<sup>23</sup> e, ao lado da cole-  
ção, uma mulher idosa desconhecida, usando xale, pesava numa balança  
um peixe seco e fedorento. No terceiro reinava um estrépito ininterrupto  
e sons de campainhas – ali, diante de seis máquinas de escrever, escre-  
viam e riam seis mulheres loiras de dentes miúdos. Além do último com-  
partimento, abria-se um grande espaço com colunas abauladas. O pipocar  
insuportável das máquinas pairava no ar e avistava-se um mar de  
cabeças, femininas e masculinas, porém entre elas não estava Kuéker. Con-  
fuso e desorientado, Korotkov parou a primeira mulher que viu passar,  
correndo com um espelhinho na mão.

– Por acaso viu Kuéker?

O coração de Korotkov baqueou de alegria, quando a mulher, arre-  
galando os olhos, respondeu:

– Vi, mas ele já está de saída. Tente alcançá-lo.

Korotkov atravessou correndo a sala de colunas na direção que lhe  
apontava a mãozinha branca de unhas vermelhas e brilhantes. Galopando

21. “Com sinal duro”, no original. Alusão à reforma ortográfica de 1918.

22. Sigla de Natchálnik kantseliárii pravitelstvennovo delovóvo snabjeénia (Chefe do  
Escritório de Abastecimento Comercial do Governo).

23. Aleksandr Konstantínovitch Schoeller (1838-1900), prosador satírico e poeta russo, es-  
tudioso de sociologia e política. Escrevia sob o pseudônimo de A. Mikháilov. Os roman-  
ces e estudos do autor popularizavam ideias e maneiras da assim chamada “gente  
nova” das décadas de 1860-1870, que se caracterizava por suas tendências liberais e  
democráticas. O interesse por sua obra diminuiu bastante no período soviético.

19. Sigla de Tsentr Snabjeénia (Central de Abastecimento).

20. O título do capítulo permite ainda a tradução “O foco (*fókus*, em russo) do diabo”.

pela sala, ele foi parar num patamar estreito e sombrio e deu com a goela escancarada de um elevador iluminado. O coração saía-lhe pela boca – ia conseguir... a goela estava engolindo as costas quadradas de cobertor e a pasta preta de verniz.

– Camarada Kuéker – gritou Korotkov e gelou. Bolas verdes em grande profusão começaram a pular no patamar. Uma grade interceptou a porta de vidro, o elevador arrancou, e o dorso quadrado, ao se virar, transformou-se no torso de um *bogatyr*<sup>24</sup>. Tudo, Korotkov reconheceu tudo: a túnica cinzenta, o boné, a pasta, as uvas passas dos olhos. Era Kuéker, mas um Kuéker com uma longa barba assírio-encrespada caindo no peito. No cérebro de Korotkov brotou rapidamente um pensamento: “A barba cresceu enquanto ele andava na motocicleta e subia a escada – o que significa isso?” E depois de um segundo: “A barba é falsa – e isso o que significa?”

Nesse ínterim, Kuéker começou a afundar no abismo gradeado. Primeiro desapareceram as pernas, depois a barriga, a barba, por último os olhinhos e a boca, que gritou numa voz doce de tenor:

– Tarde demais, camarada, fica para sexta.

“A voz também é falsa”, estalou no crânio de Korotkov. Durante uns três segundos, seus miolos fereram de modo torturante, mas em seguida, ao lembrar que nenhum feitiço devia detê-lo, que parar seria a sua ruína, Korotkov aproximou-se do elevador. Atrás da grade da porta pantográfica apareceu o teto sendo içado por um cabo. Uma beldade toda faceira com pedras brilhantes nos cabelos emergiu do poço e, tocando com ternura as mãos de Korotkov, perguntou-lhe:

– O senhor, camarada, sofre do coração?

– Não, oh não, camarada – balbuciou estarecido Korotkov e aproximou-se da grade –, deixe-me passar.

– Então, camarada, vá ver Ivan Finoguénovitch, – disse penalizada a beldade, barrando o acesso de Korotkov ao elevador.

– Eu não quero – choramingou Korotkov –, camarada! Estou com pressa. O que quer?

Mas a mulher permaneceu inflexível e pesarosa.

– Não posso fazer nada, o senhor mesmo sabe – disse ela, retendo Korotkov pelo braço. O elevador parou, cuspiu um homem com uma pasta, trancou-se atrás da grade e tornou a descer.

– Solte-me! – ganiu Korotkov e, livrando o braço num safanão, atirou-se com um impropério escada abaixo. Após ter voado por seis lances de mármore e por pouco não ter matado uma velha alta, de coifa, que se persignou, ele se viu no térreo diante de uma enorme parede de vidro novinha em folha, com uma inscrição em prata sobre azul “Preceptoras plan-tonistas” e embaixo, à pena sobre papel, “Informações”. Um pavor tenebroso invadiu Korotkov. Além da parede, Kuéker apareceu com toda clareza. O Kuéker azul de tão escanhado, o de antes, o terrível. Passou bem perto de Korotkov, separado deste apenas pela camada fina do vidro. Tentando não pensar em nada, Korotkov lançou-se à maçaneta de cobre reluzente e pôs-se a sacudi-la, mas ela não cedeu.

Rangendo os dentes, deu outro puxão no cobre reluzente e foi então que, no desespero, enxergou uma tabuleta minúscula “Acesso pela entrada 6”.

Kuéker apareceu e desapareceu num canto escuro atrás do vidro.

– Onde é a seis? Onde é a seis? – gritou sem forças para um. Os passantes desviavam-se bruscamente. Abriu-se uma portinha lateral e por ela saiu um velhote vestido de lustrina, com óculos azuis e uma lista imensa nas mãos. Lançando a Korotkov um olhar por cima dos óculos, sorriu e removeu os lábios.

– O quê? Ainda por aqui? – mastigou. – Não adianta, eu juro. Ouça o que lhe diz este velho: desista. De qualquer modo, eu já o risquei. Hi-hi.

– Riscou de onde? – Korotkov petrificou.

– Hi. Das listas, é claro. Um risco de lápis, e pronto, hi-hi, o velhote pôs-se a rir com gosto.

– Des... culpe... De onde é mesmo que me conhece?

– Hi. O senhor é um gozador, Vassíli Pávlovitch.

– Meu nome é Varfolomei – disse Korotkov, passando a mão na testa escorregadia e gelada –, Petróvitch.

Por um instante, o sorriso abandonou o rosto do terrível velhote.

Ele mergulhou os olhos na lista, percorrendo as linhas com o dedo seco de unha comprida.

– Está querendo me enrolar? Olhe aqui: Kolobkov<sup>25</sup>, V. P.

25. Sobrenome formado a partir de *kolobok*, espécie de pãozinho redondo dos contos populares.

24. Herói épico russo, de força descomunal, comparável a Hércules.

– Meu nome é Korotkov – gritou agastado Korotkov.

– É o que estou dizendo: Kolobkov – ofendeu-se o velhote. – E depois vem Kuéker. Ambos foram transferidos, e para o lugar de Kuéker veio Tchekúchin.

– O quê?... – gritou Korotkov, não cabendo em si de contentamento. – Kuéker foi despedido?

– Exatamente isso. Conseguiu ser chefe por um dia ao todo, e correram com ele.

– Deus! – exclamou Korotkov, feliz da vida – estou salvo! Eu estou salvo! – e, fora de si, apertou a mão de garras e ossos do velhote. Este sorriu. Por um instante a alegria de Korotkov se desvaneceu. Algo de estranho, agourento, perpassara nas órbitas azuis do velho. O sorriso também pareceu estranho, descortinando as gengivas cor de pombo. Mas, imediatamente, Korotkov enxotou para longe de si a impressão desagradável e pôs-se a tratar de seus afazeres.

– Quer dizer, então, que devo ir correndo a Spimat agora mesmo?

– Sem falta – confirmou o velhote – é o que diz aqui: a Spimat. Só me dê sua carteira de trabalho pra eu fazer uma anotaçãozinha a lápis.

Korotkov logo vasculhou um bolso, empalideceu, vasculhou o outro, empalideceu ainda mais, apalpou os bolsos das calças e, com um gemido abafado, correu de volta às escadas, olhando para baixo dos próprios pés. Trombando com as pessoas, o desesperado Korotkov subiu voando, queria encontrar a beldade com pedrarias, perguntar-lhe uma coisa, e viu que a beldade se transformara no mostrengo de um fedelho ranhento.

– Rapaz! – disparou-lhe Korotkov –, minha carteira, uma amarela...

– Não é verdade – rebateu o rapazote, louco da vida –, eu não peguei, é mentira.

– Não é nada disso, meu caro, não estou dizendo... não você... os documentos.

O rapazinho olhou de esguelha e de repente, com voz de baixo, abriu o berreiro.

– Ai, meu Deus! – gritou desesperado Korotkov e desceu em disparada atrás do velhote.

Mas quando chegou, o velhote já não estava lá. Sumira. Korotkov dirigiu-se à portinha, puxou a maçaneta. Estava trancada. A penumbra tresandava levemente a enxofre.

Os pensamentos turbilhonaram em borrasca na cabeça de Korotkov, e um novo saltou fora: “O bonde!” De repente, lembrou-se perfeitamente de que na plataforma dois jovens tinham esbarrado nele, um deles era magricela, com um bigodinho preto que parecia colado. – Ai, que azar, isso que é azar – resmungou Korotkov –, o azar dos azares!

Correu para a rua, percorreu-a até o fim, virou numa travessa e foi parar diante da entrada de um edifício pequeno de arquitetura de mau gosto. Um homem de cinza, estrábico e tétrico, sem olhar para Korotkov, mas para outro lugar qualquer, perguntou:

– Aonde você vai?

– Camarada, meu nome é Korotkov V. P., acabaram de roubar meus documentos... Todos sem exceção... Podem me prender...

– Isso não é nada difícil – confirmou o homem junto à soleira.

– Então, dá licença...

– Avise Korotkov para vir pessoalmente.

– Mas Korotkov, camarada, sou eu.

– Mostre a carteira de identidade.

– Acabaram de roubá-la – gemeu Korotkov –, roubaram, camarada, um rapaz de bigodinho.

– De bigodinho? Então deve ser Kolobkov. Com certeza é ele. Trabalha em nosso bairro com exclusividade. Você tem que procurá-lo pelas casas de chá.

– Eu não posso, camarada – choramingou Korotkov –, tenho que ir até a Spimat atrás de Kuéker. Deixe-me passar.

– Me dê um atestado de que foi roubado.

– De onde?

– Do comitê de moradia.

Korotkov afaçtou-se da entrada e saiu correndo pela rua.

“Até a Spimat ou até o comitê de moradia? – pensou. – No comitê atendem de manhã; então, até a Spimat.”

Nesse instante, um relógio bateu ao longe quatro vezes numa torre avermelhada e, no ato, de todas as portas acorreram pessoas com pastas. O dia chegava ao fim, uma neve rala e molhada caiu do céu.

“É tarde – pensou Korotkov –, para casa.”

VI  
A PRIMEIRA NOITE

No buraco da fechadura despontava um bilhete branco. Korotkov leu-o na penumbra.

*Caro vizinho!*

*Vou a Zvenígorod ver mamãe. Deixo-lhe o vinho de presente. Beba à sua saúde – ninguém quer comprá-lo. Estão no canto.*

*Sua A. Paikova.*

Com um sorriso torto, Korotkov fez ranger a fechadura, carregou em vinte viagens para dentro do quarto todas as garrafas alinhadas no fundo do corredor, acendeu a luz e, de boné e casaco, caiu na cama.

Como que enfeitiçado, permaneceu por meia hora com os olhos cravados num retrato de Cromwell, que ia se dissolvendo na penumbra densa, então levantou-se de um salto e, de repente, teve um acesso de cólera.

Depois de arrancar o boné, atirou-o num canto, jogou com uma braçada as caixas de fósforos no chão e pôs-se a pisoteá-las.

– Tome! Tome! Tome! – berrava Korotkov e esmagava com um ruído seco as caixas do diabo, imaginando sem querer que esmagava a cabeça de Kuéker.

Ao lembrar daquela cabeça de ovo, vieram-lhe de repente ao pensamento o rosto escanhoado e o barbudo, e então Korotkov estacou.

– Espere aí... como é que pode?... – murmurou ele e esfregou os olhos com a mão. – Que que é isso? Eu fico aqui, perdendo tempo com bobagens, quando tudo isso é assustador. Pois, na realidade, duplo ele não há de ser, não?

O medo insinuava-se no quarto pelas janelas escuras e, tentando não olhar para elas, Korotkov fechou as cortinas. Mas de nada adiantou. O rosto duplo, ora coberto de barba, ora repentinamente barbeado, surgia de quando em vez dos cantos, relampejando os olhos esverdeados. Por fim, Korotkov não se conteve e, sentindo que sua cabeça ia explodir de tanta tensão, pôs-se a chorar baixinho.

Após um choro desatado e o conseqüente alívio, ele comeu umas batatinhas gosmentas da véspera e, tornando ao maldito mistério, choramingou mais um pouco.

– Espere aí... – resmungou súbito –, que que é isso, fico chorando quando tenho vinho?

Engoliu de um trago meio copo. O líquido adocicado fez efeito em cinco minutos: sentiu uma dor terrível na têmpora direita e uma sede ardente, de enjoo. Esvaziados três copos de água, por causa da têmpora dolorida, Korotkov esqueceu-se completamente de Kuéker, tirou com um gemido a roupa de cima e, revirando languidamente os olhos, caiu na cama. “Um comprimido talvez...” continuou resmungando por um bom tempo, até que um sono agitado apiedou-se dele.

VII  
O ÓRGÃO E O GATO

Às 10 horas da manhã do dia seguinte, Korotkov fez ferver às pressas o chá, bebericou sem vontade um quarto de copo e, sentindo que tinha pela frente um dia difícil e cheio, abandonou seu quarto e atravessou correndo em meio à neblina o pátio de asfalto molhado. Na porta da casa dos fundos estava escrito “Comitê de moradia”. A mão de Korotkov já se estendia para o botão da campainha, quando seus olhos leram: “Por motivo de luto, não serão fornecidos atestados”.

– Ai, meu Deus – exclamou contrariado Korotkov –, um azar atrás do outro. – E juntou: – Bem, então os documentos ficam para mais tarde, agora a Spimat. Preciso saber como estão as coisas. Talvez, Tchekúchín já tenha voltado.

A pé, uma vez que o dinheiro todo tinha sido roubado, Korotkov chegou a Spimat e, depois de atravessar o saguão, dirigiu seus passos para o escritório. À entrada, ele se deteve boquiaberto. Não havia nenhum rosto conhecido na sala espelhada. Nem Drozd, nem Anna Evgráfovna, em suma: ninguém. Às mesas, já não lembrando mais corvos no fio, mas os três falcões de Aleksei Mikháilovitch<sup>26</sup>, estavam sentados três loiros escanhoados, absolutamente idênticos, de terno xadrez cinza-claro, e uma jovem de olhos sonhadores e bríncos de brilhante nas orelhas. Os rapazes não prestaram a menor atenção em Korotkov e continuaram a ranger nos livros-razão, porém a moça arriscou um olhar. Mas, quando em resposta

26. Em gravuras e tapeçarias, o czar Aleksei I, pai de Pedro, o Grande, era geralmente representado numa caçada com seus falcões.

ele sorriu embaraçado, ela sorriu com arrogância e virou-se. “Estranho”, pensou Korotkov e, tropeçando na soleira, saiu do escritório. Às portas de sua sala hesitou, deu um suspiro ao contemplar a velha e querida inscrição: “Escriturário”, abriu a porta e entrou. A luz empanou-se imediatamente aos olhos de Korotkov, e ele sentiu o chão oscilar de leve sob os pés. À mesa de Korotkov, com os cotovelos abertos e escrevendo freneticamente com uma pena, estava sentado o próprio Kuéker, em pessoa. Os pelos crespos e brilhantes da barba cobriam-lhe o peito. Korotkov perdeu o fôlego ao ver a careca laqueada que se inclinava sobre o pano verde. Kuéker foi o primeiro a romper o silêncio.

– Em que posso servi-lo, camarada? – arrulhou gentilmente em falsete.

Korotkov passou convulsivamente a língua nos lábios, encheu o peito estreito com uma boa quantidade de ar e disse de um jeito que mal dava para ouvir:

– Hmm... eu, camarada, sou o escriturário daqui... Isto é... pois é, se está lembrado da ordem...

O assombro alterou violentamente a parte superior do rosto de Kuéker. Suas sobranceiras claras se ergueram e a testa transformou-se numa sanfona.

– Queira me desculpar – respondeu gentilmente –, o escriturário daqui sou eu.

Korotkov perdeu a fala momentaneamente. Daí, quando ela voltou, disse as seguintes palavras:

– Mas que que é isso? Ontem mesmo. Ah, pois é. Desculpe-me, por favor. Pensando bem, eu me confundi. Com licença.

Saiu recuando da sala e no corredor disse rouco para si mesmo:

– Korotkov, lembra-se de que dia é hoje? – E ele mesmo respondeu:

– Terça-feira, ou seja, sexta. Mil e novecentos.

Voltou-se e, no mesmo instante, à sua frente, as duas lâmpadas do corredor acenderam-se sobre uma bola humana de marfim, e o rosto barbeado de Kuéker encobriu o mundo inteiro.

– Está bem! – estrondou o tacho, e uma convulsão tomou Korotkov. – Estou à sua espera. Perfeito. Prazer em conhecê-lo.

Com essas palavras, ele se aproximou de Korotkov e deu-lhe tamanho aperto de mão que este levantou uma das pernas, parecendo uma cegonha no telhado.

– Redistribuí o pessoal – pôs-se a dizer rápido Kuéker, de modo entrecortado e autoritário. – Três lá – apontou a porta do escritório – e, claro, Mánietchka<sup>27</sup>. O senhor é meu assistente. Kuéker é o escriturário, todos os antigos foram postos na rua. E o idiota do Panteliéimon também. Tenho informações de que era laçao do Rododendro. Agora vou dar um pulo na seção, e, enquanto isso, escreva com Kuéker um relatório sobre todos eles e especialmente sobre esse tal, como se... Korotkov. A propósito: o senhor se parece um pouco com aquele canalha. Só que ele está com o olho machucado.

– Eu. Não – disse Korotkov, cambaleando e de queixo caído –, eu não sou canalha. Roubaram todos os meus documentos. Todos sem exceção.

– Todos? – gritou Kuéker. – Que absurdo! Tanto melhor.

Agarrou o braço de Korotkov, que se pôs a respirar com dificuldade e, em disparada pelo corredor, arrastou-o para dentro do gabinete particular, atirando-o numa cadeira de couro atarracada, enquanto ele próprio sentava-se à mesa. Korotkov, sentindo ainda o chão oscilar sob os pés, encolheu-se e, fechando os olhos, balbuciou: “Vinte era segunda, portanto terça, vinte e um. Não. O que estou dizendo? Vinte e um é o ano. Número de ordem 0,15, espaço para assinatura traço Varfolomiei Korotkov. Este sou eu. Terça, quarta, quinta, sexta, sábado, domingo, segunda. E quarta começa com Q e quinta também, mas sábado... sáaa... tem S como segunda...”

Kuéker rabiscou com estrépito num papel, deu uma carimbada em cima e estendeu-o para o outro. Nesse instante, o telefone começou a tocar furiosamente. Kuéker agarrou-se ao fone e berrou:

– Pronto! Sei. Sei. Chego já, já.

Atirou-se ao cabide, arrancou dele o boné, cobriu a careca e desapareceu pela porta, despedindo-se com as palavras:

– Espere por mim na sala de Kuéker.

Tudo se embaralhou definitivamente aos olhos de Korotkov, quando leu o escrito no papelzinho carimbado: “O portador deste é com efeito o meu assistente camarada Vassíli Pávlovitch Kolobkov, com o que firmo e dou fé. Kuéker”.

– Ohh! – gemeu Korotkov, deixando cair no chão o papel e o boné – Que é que está acontecendo?

27. Diminutivo de Mária.

Nesse mesmo instante a porta esganiçou e Kuéker voltou com sua barba.

– Kuéker já se mandou? – perguntou a Korotkov com voz fina e afeituosa.

A luz ao redor se apagou.

– Ahhhh... – uivou Korotkov, não suportando a tortura e, tresloucado, pulou para cima de Kuéker, os dentes arreganhados. O medo refletiu-se de tal modo no rosto de Kuéker, a ponto de torná-lo repentinamente amarelo. Recuou para a porta, abriu-a com grande estardalhaço, sumiu no corredor e, perdendo o equilíbrio, agachou-se, mas logo se endireitou e pegou a correr aos berros:

– Contínuo! Contínuo! Socorro!

– Pare. Pare. Eu lhe imploro, camarada... – gritou Korotkov, voltando a si, e correu atrás.

Algo rimbombou no escritório e os falcões saltaram como que a um comando. Os olhos sonhadores da moça ergueram-se prontamente da máquina de escrever.

– Vão atirar. Vão atirar! – seu grito histérico ecoou.

Kuéker foi o primeiro a surgir no saguão com o órgão em cima do tablado, hesitou um instante sobre para onde correr, disparou e, depois de cortar brusco pela tangente, desapareceu atrás do órgão. Korotkov lançou-se atrás dele, escorregou e teria certamente arrebentado a cabeça no corrimão, não fosse uma enorme manivela curva e preta que saía da parede amarela. Esta prendeu a aba de seu casaco, o cheviote coçado rasgou-se com um pio fraco, e Korotkov aterrissou suavemente no chão frio. A porta de serviço lateral, atrás do órgão, bateu com um estrondo atrás de Kuéker.

– Deus... – começou Korotkov e não terminou.

A grandiosa caixa com os tubos de cobre cobertos de pó emitiu um som esquisito, semelhante a um copo que se parte, depois um resmungo empoeirado do fundo das entranhas, um estranho pio cromático e um repicar de sinos. Em seguida, um retumbante acorde em tom maior, um jato plétórico vivificante e toda a caixa amarela de três andares pôs-se a tocar, espalhando um amontoado de sons retidos por muito tempo:

*Crepitava, troava o incêndio de Moscou...<sup>28</sup>*

No quadrado escuro da porta apareceu de repente o rosto pálido de Panteliéimon. Um instante, e ele sofreu uma metamorfose. Seus olhos faiscaram com um brilho de vitória, ele se empertigou, fustigou com a mão direita na metade do braço esquerdo, como se ajeitasse um guardanapo invisível, desatou a correr e de lado, em diagonal, feito cavalo atrelado em troica, trotou escada abaixo, os braços em círculo como se neles carregasse uma bandeja com xícaras.

*O fumo-o alastrava-se pelo rio-o.*

– O que foi que eu fiz? – horrorizou-se Korotkov.

A máquina, depois de ter revolvido as primeiras ondas havia muito tempo contidas, funcionou regularmente, enchendo com o ribombo e o rugido de mil cabeças de leão as salas desertas da *Spimat*.

*E nas muralhas dos portões do Kremlin...*

Por entre uivos, estrondos e carrilhões irrompeu a buzina de um automóvel, e imediatamente Kuéker atravessou a entrada principal, o Kuéker barbeado, vingativo, terrível. Envolto numa sinistra aura azulada, ele se pôs a subir a escada com desembaraço. Os cabelos de Korotkov se agitaram e, depois de completamente eriçados, ele correu através da porta de serviço, por uma escada em caracol que ficava atrás do órgão, indo desembocar no pátio coberto de cascalhos, e depois na rua. Como numa perseguição, ele voou pela rua, ouvindo às costas o som dos roncões surdos do prédio do Rododendro:

*Postava-se ele de sobrecasaca cinzenta...*

Na esquina, brandindo o chicote, um cocheiro puxava furiosamente do lugar seu pangaré.

– Meu Deus! Meu Deus! – Korotkov pôs-se a soluçar intempestivamente – Ele de novo! Mas que é isso?

O Kuéker barbudo surgiu na calçada ao lado da caleça, pulou para dentro dela e começou a bater nas costas do cocheiro, repetindo com a voz fina:

– Toque! Toque em frente, desgraçado!

O pangaré deu um arranco, escoiceou, depois disparou à custa de furiosas chicotadas, enchendo a rua com o fragor do carro. Através de uma torrente de lágrimas, Korotkov viu o chapéu envernizado sair voando da cabeça do cocheiro, e com ele se espalharem para todos os lados notas amassadas de dinheiro. Alguns moleques correram aos assobios atrás delas. O cocheiro, virando-se, puxou desesperadamente as rédeas, mas Kuéker começou a dar-lhe furiosas pancadas nas costas, berrando:

28. Canção popular, composta a partir do poema “Ele”, de N. S. Sókolov, sobre Napoleão.

– Vá em frente! Vá em frente! Eu pagarei.

O cocheiro, depois de gritar desesperado:

– Arre, vosmecê tá querendo morrer? – soltou as rédeas do pangaré, e tudo desapareceu além da esquina.

Soluçando, Korotkov deu uma olhada no céu cinzento que se estendia sobre sua cabeça, cambaleou e pôs-se a gritar dolorosamente:

– Já chega. Isso não ficará assim! Vou desmascará-lo.

Saltou e firmou-se no estribo de um bonde. Foi sacudido por uns cinco minutos e despejado na frente de um edifício verde de oito andares. Após entrar correndo no saguão, Korotkov enfiou a cabeça na abertura quadrangular de uma divisória de madeira e perguntou a uma enorme chaleira azul:

– Onde fica a seção de reclamações, camarada?

– 7º andar, corredor 9, conjunto 41, sala 302 – respondeu a chaleira com voz de homem.

– 7º, 9, 41, trezentos... trezentos... e quanto? ... 302 – resmungava Korotkov, subindo a toda pressa a ampla escadaria. – 7º, 9, 7º, epa!, 40... não, 42... não, 302, – mugiu ele – ai, meu Deus, esqueci... sim, 40, conjunto quarenta...

No 7º andar, atravessou três portas, enxergou na quarta o número 40 em preto e entrou numa vasta sala com colunas e duas fileiras de janelas. Nos cantos havia bobinas de rolos de papel e todo o soalho estava coberto por pedacinhos de papel rabiscados. Ao longe avistava-se uma mesinha com a máquina de escrever, e uma mulher dourada, cantarolando baixinho uma canção, a face apoiada no punho, estava sentada ali. Depois de lançar olhares desnorreados ao redor, Korotkov viu descer do estrado atrás das colunas, avançando a passo pesado, o vulto corpulento de um homem com cafetã<sup>29</sup> branco. Podiam-se ver os bigodes grisalhos caídos em seu rosto de mármore. O homem, sorrindo com extraordinária gentileza, um sorriso sem vida, de gesso, aproximou-se de Korotkov, apertou-lhe amavelmente a mão e disse, batendo os tacões:

– Ian Sobiésski<sup>30</sup>.

– Não pode ser... – respondeu o estupefato Korotkov.

O homem sorriu com simpatia.

– Imagine só, que muitos se admiram – disse ele, errando os acentos, – mas não pense, camarada, que eu tenho algo em comum com esse bandido. Oh, não. Uma infeliz coincidência, mais nada. Eu já fiz um requerimento para formalizar meu novo sobrenome: Sotsvósski<sup>31</sup>. É muito mais bonito e não tão perigoso. Aliás, se não lhe agrada – melindrado, o homem crispou os lábios –, não quero forçá-lo. Pessoas é que não faltam. Elas vêm nos procurar.

– Ora, não diga uma coisa dessas – gritou dolorosamente Korotkov, sentindo que ali também havia algo de estranho, como, aliás, por toda parte. Lançou um olhar acuado ao redor, temendo que de algum lugar surgissem a face escanhoada e a cabeça-de-ovo-careca, e então acrescentou numa fala pastosa: – Estou muito satisfeito, sim, muito...

Um rubor coloriu de leve o homem de mármore; tomando delicadamente a mão de Korotkov, ele o arrastou até a mesinha, enquanto repetia:

– Eu também estou satisfeito. Mas, veja que desgraça: não tenho nem mesmo onde acomodá-lo. Não nos levam muito em consideração, apesar de toda a nossa importância (o homem indicou com a mão as bobinas de papel). Intrigas... Mã-ãs, vamos nos safar, não se preocupe... Hum... O que tem a nos oferecer como novato? – perguntou afetuosamente ao pálido Korotkov. – Ah, sim, perdão, mil perdões, permita-me apresentá-los – e com um gesto elegante da mão branca em direção da máquina de escrever – Henrietta Potápovna Persímfans<sup>32</sup>.

No mesmo instante, a mulher apertou com sua mão fria a mão de Korotkov e fitou-o com os olhos dengosos.

– Pois bem – continuou docemente o anfitrião –, o que tem a nos oferecer? Um folhetim? Ensaios? – falou arrastado, revirando os olhos claros. – Não pode nem imaginar o quanto precisamos deles.

“Mãe do Céu... que que é isso agora?”, pensou Korotkov todo confuso, depois começou a falar, tomando fôlego convulsivamente:

31. Formado a partir da sigla Sotsvos, abreviatura de Educação Socialista (Sotsialistícheskoie Vospitánie).

32. O sobrenome Persímfans remete à abreviatura de Primeiro Conjunto Sinfônico sem Maestro (Píervyi Sinfonícheski Ansambl biez Dirijora), que existiu de 1922 a meados de 1923.

29. No original, *kuntuch*: cafetã polonês.

30. Mesmo nome do chefe militar e rei polonês Jan Sobiéski (1629-1696). Por outro lado, o sobrenome Sobiéski remete à sigla soviética Sobies, abreviatura de Previdência Social (Sotsiálnoie Obespechénie). A personagem teria sido inspirada no conde polonês A. Potótski, bolchevique e chefe de redação do periódico *Gudok* (*O Apito*), revista destinada aos ferroviários, na qual Bulgákov trabalhou durante os anos de 1920.

– Comigo... hã... aconteceu uma coisa horrível. Ele... Eu não entendo. Não vá pensar, pelo amor de Deus, que se trata de alucinações... Hmm... ha-ha... (Korotkov tentou forçar uma risada, mas não conseguiu.) Ele é de verdade. Isso eu garanto... mas não estou entendendo nada, ora tem barba, no minuto seguinte não tem. Eu realmente não entendo... E a voz se modifica... além disso, roubaram todos os meus documentos sem exceção e, para meu azar, o sujeito do comitê de moradia morreu. Esse Kuéker...

– Ah, eu sabia – gritou o anfitrião –, são eles?

– Ah, meu Deus, é claro – opinou a mulher –, ah, são os terríveis Kuéker.

– Sabe – interrompeu agitado o anfitrião, – é por causa dele que estou no chão. Olhe só. E o que é que ele entende de jornalismo?... – O anfitrião agarrou Korotkov por um botão. – Tenha a bondade, diga, o que entende ele? Ficou dois dias aqui e me encheu as medidas. Mas, imagine só, que sorte! Fui ter com Fiódor Vassílievitch, que acabou por dispensá-lo. Eu coloquei a questão de modo direto: ou eu, ou ele. Foi transferido para uma tal de Spimat ou o diabo é que sabe para onde. Que vá feder a fósforos lá! Mas a mobília, a mobília ele conseguiu transferir para aquele maldito escritório. Toda ela. Não é uma piada? Em cima do que vou escrever, queira me dizer? E o senhor onde escreverá? Pois não tenho dúvida de que será um dos nossos, meu caro (o anfitrião enlaçou Korotkov). Uma belíssima mobília Luís XIV, forrada de cetim, o velhaco irresponsável mandou para aquele escritório idiota, que de qualquer jeito amanhã mesmo será fechado e o diabo que o carregue!

– Que escritório? – perguntou Korotkov, abafando a voz.

– Ah, o de reclamações ou seja lá o que for – disse com desdém o anfitrião.

– O quê? – gritou Korotkov –, o quê? Onde fica?

– Lá – respondeu surpreso o anfitrião e apontou o chão com a mão. Korotkov lançou pela última vez um olhar desvairado para o cafetã branco e, no minuto seguinte, viu-se no corredor. Depois de pensar um pouco, ele disparou para a esquerda, em busca de uma escada para descer. Correu por uns cinco minutos, seguindo os caprichosos meandros do corredor, e dali a cinco minutos encontrou-se no mesmo lugar de onde partira. Porta n. 40.

– Ah, inferno! – exclamou Korotkov, bateu os pés, correu para a direita e dali a cinco minutos estava de novo lá naquele lugar. N. 40. Dan-

do um empurrão na porta, Korotkov irrompeu na sala e verificou que estava vazia. Somente a máquina de escrever em cima da mesa sorria silenciosamente com seus dentes brancos. Korotkov correu até as colunas e avistou o anfitrião. Estava de pé num pedestal, já sem o sorriso, com ares de ofendido.

– Desculpe, é que não me despedi... – começou Korotkov e calou-se. O anfitrião estava sem uma orelha e sem o nariz, e com o braço esquerdo quebrado. Petrificado, Korotkov foi recuando e disparou novamente corredor afora. De repente, uma porta secreta, invisível, abriu-se à frente e por ela saiu uma mulherzinha escura e encarquilhada, carregando dois baldes vazios na canga<sup>33</sup>.

– Dona! Dona! – gritou alarmado Korotkov – onde fica o escritório?

– Não sei, paizinho, não sei, patrão – respondeu a mulher –, mas não precisa correr, meu querido, não vai achar mesmo. Dá para imaginar? São dez andares.

– Ih, ih... idiota – rugiu Korotkov entredentes e precipitou-se para a porta. Esta bateu atrás e Korotkov viu-se num espaço acanhado, escuro e sem saída. Esbarrou nas paredes e, arranhando-se todo como alguém soterrado numa mina, foi dar finalmente numa mancha clara e esta o fez desembocar numa escada. Batendo os saltos nos degraus, desceu correndo. Ouviram-se os passos que, de baixo, vinham ao seu encontro. Uma aflição tristonha apertou o coração de Korotkov e ele foi parando. Um minuto ainda e despontou um boné brilhante, apareceram o cobertor cinza e a barba comprida. Korotkov cambalcou e agarrou-se ao corrimão com as duas mãos. Simultaneamente, os olhos se cruzaram, e ambos puseram-se a uivar numa voz aguda de medo e de dor. De costas, Korotkov foi retrocedendo para cima, Kuéker recuou para baixo, tomado de um pavor incontrolável.

– Espere – rouquejou Korotkov –, um minutinho... é só me explicar...

– Para trás! – Kuéker berrou, trocando a voz fina por seu antigo baixo de cobre. Recuando, despencou com estardalhaço e bateu a nuca: a pancada não lhe fez nada. Transformando-se num gato preto de olhos fosforescentes, ele saltou para o lado oposto, atravessou o patamar com um andar impetuoso e macio, encolheu-se numa bola e, pulando para o peitoril,

33. Como o gato preto, o carregador de baldes vazios na tradição russa é portador de azar, de desgraça.

desapareceu pelo vidro quebrado e a teia de aranha. Um véu branco toldou momentaneamente o cérebro korotkoviano, mas logo se dissipou, e sobreveio uma lucidez fora do comum.

– Agora estou entendendo tudo – murmurou Korotkov e sorriu de mansinho –, é, entendi. Olha só do que se trata. Gatos! Tudo está esclarecido. Gatos.

Ele desatou a rir, cada vez mais alto, mais alto, até que a escada se enchesse toda de sonoras gargalhadas.

## VIII

### A SEGUNDA NOITE

Ao anoitecer, sentado no acolchoado de flanela, o camarada Korotkov bebeu três garrafas de vinho para esquecer tudo e acalmar-se. A cabeça, agora, doía-lhe por inteiro: a têmpora direita e a esquerda, a nuca e até mesmo as pálpebras. Uma leve borra subia do fundo do estômago, percorria o interior em ondas, e por duas vezes o camarada Korotkov vomitou numa bacia.

– Vou fazer assim – Korotkov engrolou com um fio de voz, a cabeça pendida para baixo –, amanhã, tento não encontrá-lo. Mas como ele fica zanzando por toda parte, eu esperarei. Ficarei esperando: na travessinha ou num beco. Ele passará sem me notar. Se me perseguir, eu dou no pé. Assim ele fica para trás. Que siga seu próprio caminho, como dizem. E eu já não quero mais saber da Spimat. Que vá com Deus. Pode trabalhar como chefe e como escriturário, nem o dinheiro do bonde eu quero. Darei um jeito e sem eles. Só quero, por favor, que me deixe em paz. Gato ou não gato, com barba ou sem barba – siga o seu caminho, que eu sigo o meu. Arranjarei um outro lugarzinho para mim e vou trabalhar com paz e tranquilidade. Não mexo com ninguém, e ninguém mexe comigo. E não vou fazer reclamação nenhuma de você. Amanhã só vou tirar meus documentos e pronto...

Ao longe, um relógio começou a bater surdamente. Bam... bam... “É o dos Pestrúkhin”, pensou Korotkov e pôs-se a contar. – Dez... onze... meia-noite, 13, 14, 15,... 40...

– Quarenta vezes o relógio bateu – sorriu amargamente Korotkov, e em seguida pôs-se a chorar de novo. Depois, por causa do vinho de missa, vomitou convulsiva e pensadamente mais uma vez.

– Que forte, oh, que vinho forte – disse Korotkov, e com um gemido recostou-se no travesseiro. Passaram-se quase duas horas, e a luz, que continuava acesa, iluminava o rosto pálido no travesseiro e os cabelos desgrenhados.

## IX

### O TERROR DAS MÁQUINAS

O dia outonal recebeu o camarada Korotkov de modo confuso e estranho. Espreitando ressabiado a escada, subiu ao sétimo andar, pegou casualmente à esquerda e teve um sobressalto de alegria. A mão pintada apontava-lhe o letreiro “Salas 302-349”. Seguindo o dedo da mão salvadora, ele chegou até a porta com a inscrição “302 – Escritório de Reclamações”. Depois de dar uma olhada cautelosa lá para dentro, para não trombar com quem não devia, Korotkov entrou e viu-se diante de sete mulheres sentadas às máquinas de escrever. Um tanto relutante, aproximou-se de uma moça de pele bronzada e opaca, fez um cumprimento e ia dizer algo, mas de repente a morena o interrompeu. Os olhares de todas as mulheres cravaram-se em Korotkov.

– Vamos até o corredor – disse brusca a opaca e ajeitou febrilmente o penteado.

“Deus meu, de novo, de novo, tem coisa aí...”, passou tristemente pela cabeça de Korotkov. Depois de um suspiro profundo, ele obedeceu. As seis restantes, alvoroçadas, puseram-se a cochichar entre si.

A morena fez Korotkov sair e, na penumbra do corredor vazio, disse:

– Você é terrível... Por sua causa eu não preguei o olho a noite inteira e cheguei a uma decisão. Que seja como você quer. Eu me rendo.

Korotkov olhou para o rosto bronzado de olhos imensos, que recendia lírio-do-vale, emitiu uma espécie de som gutural e não disse nada. A morena atirou a cabeça para trás, arreganhou os dentes com ar de sofredora, agarrou as mãos de Korotkov, puxou-o para si e pôs-se a sussurrar:

– Por que não diz nada, tentação? Você me cativou com a sua coragem, minha serpente. Então me beije, me beije logo, enquanto não tem ninguém da Comissão de Vigilância.

Outro som estranho escapou da boca de Korotkov. Cambaleou, sentiu nos lábios algo doce e macio, e imensas pupilas penetraram em seus olhos.

– Eu me rendo a você... – sussurrou junto à boca de Korotkov.

– Não é o que eu preciso – respondeu fanhoso –, roubaram meus documentos.

– Olha só! – ecoou repentinamente atrás dele.

Korotkov virou-se e viu o velhote de lustrina.

– Aah! – gritou a morena e, cobrindo o rosto com as mãos, desapareceu pela porta.

– Hi – disse o velhote –, ora viva. Onde quer que se vá, lá está o senhor, Kolobkov. Que espertalhão, o senhor. Tanto faz, com beijo ou sem beijo, o serviço não é para o seu beijo. Deram para o velho aqui, e lá vou eu. É isso aí.

Com essas palavras, fez para Korotkov uma pequena figa ressequida.

– Farei um relatoriozinho a seu respeito – prosseguiu maldosamente o lustrina –, vai ver só. Abusou de três na seção principal, e agora, então, está chegando às subseções? Não lhe importa que os anjos dessas moças estejam agora chorando? Agora elas ficam lá amargando, as pobres meninas, mas acabou-se, já é tarde demais. A honra de uma donzela não pode ser restituída. Não mesmo.

O velhote puxou um grande lenço com flores alaranjadas, desatou a chorar e assoou o nariz.

– O senhor, Kolobkov, quer tirar das mãos de um velho as migalhas do abono de transferência? Pois bem... – O velhote começou a tremer e a soluçar, deixando cair a pasta. – Tome, sirva-se. Deixe um velhinho sem partido, mas simpatizante, morrer de fome... Que fazer? Teve o que mereceu, o cachorro velho. Mas lembre-se de uma coisa, senhor Kolobkov – a voz do velhote tornou-se profeticamente ameaçadora e ressoou como sinos –, não lhe serão de nenhum proveito esses cobrinhos do diabo. Ficarão entalados na sua garganta – e o velhote desmanchou-se num choro desenfreado.

A histeria tomou conta de Korotkov; de repente e sem que ele mesmo esperasse, pôs-se a bater os pés freneticamente.

– Vá pro inferno! – gritou de modo estridente, e sua voz doída repercutiu nas abóbadas. – Não sou Kolobkov. Me deixe em paz! Kolobkov não sou eu. Não irei viajar! Não irei!

Pôs-se a arrancar o colarinho.

O velhote parou imediatamente e começou a tremer de medo.

– O seguinte! – crocitou a porta. Korotkov calou-se e precipitou-se para ela, depois virou à esquerda, ultrapassou as máquinas de escrever, e foi

parar diante de um loiro alto e elegante, vestido de azul. O loiro fez um aceno de cabeça para Korotkov e disse:

– Seja rápido, camarada. Depressa. Em dois tempos. Poltava ou Irkutsk?

– Roubaram meus documentos – respondeu Korotkov em frangalhos, olhando desatinado ao redor – e apareceu um gato. Não tem o direito. Eu nunca briguei na vida, foram os fósforos. Não tem o direito de me perseguir. Que ele seja o Kuéker, para mim dá no mesmo. É que roubaram meus do...

– Deixe de bobagens – respondeu o azul –, daremos o uniforme, mais camisas e lençóis também. Se é para Irkutsk, então mais uma peça curta de segunda mão. Depressa!

Fez tilintar a chave na fechadura, abriu uma gaveta e, depois de dar uma espiada lá dentro, disse amavelmente:

– Tenha a bondade, Serguei Nikolaievitch.

E no ato, da gaveta de freixo assomou uma cabeça penteada, clara como linho, com olhos azuis fugidios. Daí, o pescoço esticou-se feito cobra, o colarinho engomado estalou, apareceu um paletó, braços, calças, e, um segundo mais tarde, um secretário em carne e osso, piando “Bom dia”, saltou sobre o feltro vermelho. Sacudiu-se como um cachorro molhado, pulou para o chão, arregaçou bem os punhos, tirou do bolsinho uma caneta tinteiro e no mesmo instante pôs-se rapidamente a escrever.

Korotkov afastou-se, esticou um braço e disse ao azul com lástima na voz.

– Olhe, olhe, ele pulou da mesa. O que significa isso?...

– É claro que pulou – respondeu o azul –, não ia passar ali o dia inteiro. Está na hora. É tempo. Cronometragem.

– Mas como? Como? – ecoou Korotkov.

– Ah, meu Deus do céu – agitou-se o azul –, não me faça perder tempo, camarada.

A cabeça da morena surgiu à porta e gritou empolgada, alegre:

– Já mandei os documentos dele para Poltava. E eu vou junto. Tenho uma tia lá, aos 43 graus de latitude e 5 de longitude.

– Então, está bem – respondeu o loiro –, já estou farto desta amolação.

– Eu não quero! – berrou Korotkov, o olhar perdido. – Ela quer ficar comigo, mas agora eu não posso. Não quero! Quero de volta meus documentos. Meu sobrenome honrado. Entregue!

– Camarada, isso é com a Seção de Assuntos Matrimoniais – piou o secretário –, nós não podemos fazer nada.

– Oh, bobinho! – exclamou a morena, reaparecendo. – Aceite! Aceite! – gritou ela num sussurro de ponto de teatro. Sua cabeça ora sumia, ora aparecia.

– Camarada! – Korotkov abriu o berreiro, as lágrimas escorrendo pelo rosto. – Camarada! Eu lhe imploro, dê-me os documentos. Faça esta gentileza. Faça, peço-lhe com todas as forças de minh'alma, e irei para um convento.

– Camarada! Nada de histeria. Coloque por escrito e oralmente, de modo concreto e abstrato, urgente e secreto: Poltava ou Irkutsk? Não desperdice o tempo de uma pessoa ocupada! Proibido circular pelos corredores! Proibido escarrar no chão! Proibido fumar! Facilite o troco! – estorou o loiro, perdendo as estribeiras.

– Proibido aperto de mão! – cocoricou o secretário.

– Então viva os abraços! – sussurrou apaixonada a morena e atravessou a sala como uma brisa envolvendo com lírio-do-vale o pescoço de Korotkov.

– Como manda o décimo terceiro mandamento: não entre sem ser convidado na casa de seu vizinho – resmungou o de lustrina e alçou vôo pelo ar, batendo as abas da pelerine... – E eu não entro, não entro mesmo, mas, apesar de tudo, o papelucho eu deixarei, aqui está, toin! Você assina um e está no banco dos réus. – Tirou da larga manga preta um maço de folhas brancas que, esvoaçando, espalharam-se pelas mesas como gaivotas nos escolhos da praia.

Uma névoa invadiu a sala, as janelas começaram a tremer.

– Camarada loiro – chorava o deitado Korotkov –, pode me fuzilar de uma vez, mas me arranje um documento qualquer. Beijarei suas mãos.

Na névoa, o loiro começou a inflar e a crescer, sem parar nem um minuto sequer de assinar freneticamente os papéis do velhote e de atirá-los para o secretário, que os apanhava, rosnando de alegria.

– O diabo que o carregue! – explodiu o loiro. – O diabo que o carregue! Datilógrafas, eia!

Ele brandiu a mão enorme, a parede dissolveu-se diante dos olhos de Korotkov, e trinta máquinas de escrever às mesas, retinindo as campainhas, puseram-se a executar um *fox trot*. Rebolando e remexendo voluptuosamente os ombros, erguendo uma espuma branca com as pernas cor de

creme, trinta mulheres fizeram uma entrada triunfal e contornaram as mesas.

Branças serpentinadas de papel engolfaram-se na goela das máquinas, foram enroladas, cortadas e alinhavadas. Saíram calças brancas com riscas roxas. “O portador destas é com efeito o portador, e não um salafário qualquer.”

– Vista! – trovejou o loiro na névoa.

– Hiiii – ganiu debilmente Korotkov e pôs-se a bater a cabeça na quina da mesa do loiro. Por um instante a cabeça melhorou, e um rosto banhado em lágrimas saltou diante de Korotkov.

– Valeriana! – gritou uma voz no teto.

A capa com pelerine, como um pássaro negro, encobriu a luz, o velhote resmungou alarmado:

– A única salvação agora é o Dirkin<sup>34</sup> da quinta seção. Avante! Avante!

Um cheiro de éter e a seguir braços ternos carregaram Korotkov para a penumbra do corredor. A pelerine abraçou Korotkov e o arrebatou, resmungando e dando risadinhas:

– Pois é, já lhes aprontei uma boa: deixei uma certa coisa nas mesas, que a cada um deles caberá no mínimo cinco anos com interdição dos direitos políticos e civis no campo de batalha. Avante! Avante!

A pelerine se afastou esvoaçando, vento e umidade entraram pelas grades que davam para o abismo...

## X

### O TERRÍVEL DÍRKIN

A cabine espelhada começou a cair, e com ela dois Korotkov. O primeiro e autêntico esqueceu no espelho da cabine o segundo Korotkov e desembocou sozinho no saguão fresco. Um sujeito muito corpulento e rosado, de cartola, veio-lhe ao encontro com as seguintes palavras:

– Puxa, que bom! Irei detê-lo.

– É impossível deter-me – respondeu Korotkov e soltou uma gargalhada diabólica –, porque não se sabe quem sou eu. É lógico. Não é possível nem me deter, nem me casar. E para Poltava eu não irei.

34. Sobrenome formado a partir de *dirka* (furo, rasgão, buraco).

O gordo pôs-se a tremer de medo, cravou os olhos nas pupilas de Korotkov e recuou.

– Venha me deter, vamos – piou Korotkov e mostrou ao gordalhão uma língua tremebunda e esbranquiçada, recendendo a tintura de valeriana –, como é que você irá me deter se, em vez de documentos, só recebi uma figa? Pode ser que eu seja um Hohenzollern<sup>35</sup>.

– Jesus do Céu! – exclamou o gordão, persignando-se com a mão trêmula e passando do rosa para o amarelo.

– Kuéker deu as caras? – perguntou Korotkov com voz entrecortada e olhou ao redor. – Responda, barril de banha.

– Absolutamente – respondeu o gordalhão, trocando o colorido rosado pelo cinzento.

– E o que fazer agora, então? Hein?

– Procurar Dírkin, claro – balbuciou o gordalhão –, ele é o melhor. Só que é terrível. Ah, é terrível! E não chegue perto. Ele já fez dois voarem pelos ares. E acabou de arrebentar o telefone.

– Está bem – respondeu Korotkov e cuspiu fanfarrão –, para nós agora dá no mesmo. Vamos subir!

– Não vá cansar as perninhas, camarada representante – disse gentilmente o gordalhão, conduzindo Korotkov ao elevador. No patamar superior apareceu um pirralho de uns dezesseis anos que urrou:

– Aonde vai? Pare!

– Não bata, moço – disse o gordalhão, encolhendo-se e cobrindo a cabeça com as mãos –, vamos até o Dírkin.

– Passem – berrou o pirralho.

O gordalhão cochichou:

– Vá o senhor, Vossa Nobreza<sup>36</sup>, e eu fico esperando aqui no banquinho. Morro de medo...

Korotkov penetrou numa antessala escura, e dela numa sala deserta, na qual estava estendido um tapete azul surrado.

35. Referência à dinastia dos imperadores prussianos e alemães. Na época, alguns príncipes dessa família haviam renunciado aos seus direitos de nobreza e passavam, incógnitos, por cidadãos comuns.

36. Modo de tratamento destinado aos altos escalões do funcionalismo público antes da Revolução.

Diante da porta com a inscrição “Dírkin”, Korotkov hesitou um pouco, mas depois entrou e viu-se num gabinete acolhedoramente mobiliado, com uma enorme mesa carmesim e um relógio na parede.

O pequeno e roliço Dírkin pulou feito mola de trás da mesa e, empinando os bigodes, rugiu:

– S-silêncio!... – embora Korotkov ainda não tivesse aberto a boca.

Nesse exato momento surgiu no gabinete um jovem pálido com uma pasta. O rosto de Dírkin cobriu-se instantaneamente de rugas sorridentes.

– Aha! – gritou ele melífluo – Artur Artúrítch. Estou à sua inteira disposição.

– Escute aqui, Dírkin – começou o jovem com uma voz metálica –, foi você que escreveu a Puzýrev<sup>37</sup> que, supostamente, eu teria instaurado uma ditadura pessoal na Caixa de Aposentadoria<sup>38</sup> e desviado os fundos para os funerais de maio? Foi você? Responda, crápula sarnento.

– Eu?... – balbuciou Dírkin, transformando-se, como por encanto, do Dírkin terrível num Dírkin bonachão –, eu, Artur Diktatúrítch... Eu, certamente... O senhor não leve em conta...

– Ah! foi você, canalha, canalha – escandiu o jovem, meneou a cabeça e, brandindo a pasta, assentou-a na orelha de Dírkin, como se despejasse uma panqueca no prato.

Korotkov soltou maquinalmente um gemido e gelou.

– É isso que vai acontecer com você, e com qualquer patife que meter o nariz nos meus negócios – disse de modo convincente o jovem e, depois de ameaçar Korotkov com o punho vermelho num aceno de despedida, saiu.

Durante uns dois minutos o silêncio reinou no gabinete, e somente os pingentes dos candelabros tilintavam à passagem de um caminhão ali por perto.

– Aí está, meu rapaz – disse com um sorriso amargo o bom e humilhado Dírkin –, aí está a recompensa pela dedicação. Você não dorme à noite, não come bem, não bebe direito, e o resultado é sempre um só – um direto no focinho. O senhor também não teria vindo para isso? Pois bem... Bata no Dírkin, pode bater. Ele tem focinho de burocrata. Por acaso vai lhe doer a mão? Então use o candelabro.

37. Sobrenome formado a partir de *puzyr* (bolha).

38. Instituição governamental existente na Rússia antes da Revolução, encarregada de subsidiar os funcionários que se afastavam do serviço público. Os fundos dessa Caixa eram formados a partir do desconto feito na folha de pagamento dos funcionários na ativa.

E Dirkin esticou tentadoramente as bochechas rechonchudas por detrás da escrivaninha. Sem nada entender, Korotkov deu um sorriso envesado e tímido, pegou o candelabro pela base e, com um estalido, sentou as velas na cabeça de Dirkin. Do nariz, o sangue começou a pingar no feltro da mesa, e, gritando “socorro”, ele saiu correndo por uma porta interna.

– Cu-cu! – gritou alegremente o cuco silvestre e saltou da casinha pintada em Nuremberg que ficava na parede.

– Ku-klux-klan! – gritou ainda e transformou-se numa cabeça careca. – Anotaremos seu modo de espancar trabalhadores!

A raiva tomou conta de Korotkov. Brandiu o candelabro e acertou no relógio. Este revidou com um barulhão e um disparo dos ponteiros dourados. Kuéker pulou do relógio, transformou-se num galinho branco com a inscrição “nº de referência” e esgueirou-se pela porta. Na mesma hora, de trás da porta interna, esparramou-se o berro de Dirkin: “Agarre esse bandido!”, e também os passos pesados de gente se precipitando de todos os lados. Korotkov virou-se e disparou a correr.

## XI

### CAÇADA CINEMATOGRÁFICA E ABISMO

Do patamar o gordalhão pulou para a cabine, fechou a grade e despençou para baixo, enquanto pela escada enorme e carcomida precipitaram-se correndo na seguinte ordem: primeiro a cartola preta do gordão, atrás dela o galo branco com nº de referência, atrás do galo o candelabro, que passou raspando por cima da cabeça branca pontuda, depois Korotkov, o pirralho de dezesseis com um revólver em punho e mais algumas pessoas, num tropel de botas ferradas. A escada pôs-se a guinchar com um som de bronze, e portas bateram estrondosamente nos patamares.

Alguém do andar superior debruçou-se para baixo e gritou num megafone:

– Que seção está de mudança? Esqueceram o cofre!

Embaixo, uma voz feminina respondeu:

– Bandidos!

Korotkov, ultrapassando cartola e candelabro, foi o primeiro a atravessar a enorme porta da entrada e tragando uma boa dose de ar escaldante, disparou pela rua. O galinho branco sumiu da face da terra, dei-

xando um cheiro de enxofre, a pelerine preta materializou-se no ar e caminhou ao lado de Korotkov, soltando um grito agudo e prolongado:

– Estão batendo nos cooperativistas, camarada!

À passagem de Korotkov, os transeuntes abriam alas e trepavam nos pórticos, irrompiam e interrompiam-se apitos curtos. Alguém açulava furiosamente aos berros, ululava, e pululavam gritos aflitos, desafinados: “Pegue aí”. Com um fragor intermitente baixavam-se as portas de aço, e um coxo, sentado na linha do bonde, rugia:

– Começou!

Tiros voavam para as bandas de Korotkov, alegres como fogos de artifício, e as balas passavam zumbindo ora ao lado, ora por cima. Bufando feito fole de ferreiro, Korotkov corria para o colosso – um prédio de onze andares, uma lateral dava para a rua e a fachada para uma travessa estreita. Na própria esquina, uma placa de vidro com caracteres latinos “Restoran i pivu”<sup>39</sup> fendeu-se em forma de estrela, e um cocheiro idoso trocou a boléia pela calçada com uma expressão abatida no rosto e as palavras:

– Viva! O que deu em vocês, irmãozinhos, atirando a torto e a direito?...

Um homem, que saía correndo da travessa, tentou agarrar Korotkov pela aba do paletó, e a aba sobrou-lhe nas mãos. Korotkov dobrou a esquina, percorreu alguns metros<sup>40</sup> e irrompeu na área espelhada do saguão. Um rapaz com galões e botões dourados saltou do elevador e abriu o berreiro.

– Entre, tio. Entre! – estrilou. – Só não bata num pobre órfão!

Korotkov enfiou-se na caixa do elevador, sentou-se no banco verde em frente ao outro Korotkov e pôs-se a resfolegar como um peixe fora d’água. O rapaz, soluçando, entrou atrás dele, fechou a porta, empunhou a corda, e o elevador subiu. No mesmo instante, lá embaixo no saguão, ressoaram tiros e as portas de vidro começaram a girar.

O elevador subia devagar, com dificuldade, o moço, mais calmo, limpava o nariz com uma das mãos, e com a outra manobrava a corda.

– Afanou a grana, tio? – perguntou curioso, encarando o esfrangalha-do Korotkov.

39. “Restaurante e cerveja”.

40. No original *sajen* (2,13m), antiga medida. Após a Revolução foi adotado o sistema métrico decimal na URSS.

– Kuéker... atacamos... – respondeu ofegante Korotkov –, mas ele passou à ofensiva...

– O melhor lugar para o senhor, tio, é lá em cima, onde fica o bilhar – aconselhou o rapaz –, poderá armar uma emboscada ali, se tiver uma *mauser*.

– Vamos para cima... – concordou Korotkov. No minuto seguinte, o elevador parou suavemente, o rapaz escancarou a porta e, fungando, disse:

– Pode sair, tio, e ir de fininho até o telhado.

Korotkov pulou para fora, olhou ao redor e pôs-se à escuta. De baixo vinha um zunzum surdo, que ia aumentando, subindo, ao lado o baque das bolas de osso através da divisória envidraçada, atrás da qual passavam rostos alarmados. O rapaz esgueirou-se para o elevador, trancou-se e desceu.

Depois de avaliar a posição com olhos de águia, Korotkov hesitou por um instante e com o grito de guerra: – Avante! – atirou-se bilhar adentro. Foram passando superfícies verdes com bolas brancas luzídias e rostos pálidos. Lá de baixo, bem perto, ressoou o eco ensurdecido de um tiro e vidros começaram a quebrar fragorosamente em algum lugar. Como que a um sinal, os jogadores largaram os tacos e, em fila indiana, num tropel de passos, atiraram-se às portas laterais. Num salto, Korotkov trancou a porta atrás deles, bateu estrondosamente a porta de vidro da entrada, que ligava a escada ao bilhar, e num relance armou-se de bolas. Passaram-se alguns segundos e, perto do elevador, surgiu por trás do vidro a primeira cabeça. Uma bola voou da mão de Korotkov, atravessou o vidro assobian-do, e no ato a cabeça desapareceu. Em seu lugar reverberou uma luz fraca, e surgiu a segunda cabeça, atrás dela, a terceira. As bolas voaram uma atrás da outra, e os vidros da divisória foram estilhaçados. O barulho, rolando, invadiu a escada, e em resposta, como uma ensurdecida máquina de costura Singer, uma metralhadora pôs-se a urrar e fez tremer todo o edifício. Os vidros e os caixilhos foram recortados na parte de cima como que a faca, e o estuque espalhou-se por todo o bilhar numa nuvem de talco.

Korotkov compreendeu que manter a posição era impossível. Depois de tomar impulso e cobrir a cabeça com as mãos, ele atacou a pontapé a terceira parede de vidro, além da qual começava o telhado plano e asfaltado do arranha-céu. A parede arrebentou e ruiu. Sob fogo cerrado, Korotkov conseguiu jogar para o telhado cinco pirâmides de bolas que rolaram sobre o asfalto como cabeças decapitadas. Atrás delas saltou Korotkov, e

bem a tempo, porque a metralhadora tinha disparado mais embaixo e recortado toda a parte inferior dos caixilhos.

– Renda-se! – chegou vagamente até ele.

Diante de Korotkov, logo se descortinaram um sol estiolado bem em cima de sua cabeça e o céu pálido, um ventinho e o asfalto gelado. Embaixo e lá fora a cidade se fazia ouvir com um rumor abafado e buliçoso. Depois de saltar para o asfalto, espiar em volta e apanhar três bolas, Korotkov alcançou o parapeito num pulo, trepou nele e olhou para baixo. Seu coração parou. Deu com os telhados das casas, que pareciam achatadas e pequenas, a praça onde se arrastavam os bondes e o povo-formiga. No mesmo instante, Korotkov avistou queques cinzentos saltitando em direção à entrada pela frincha da travessa, e atrás deles uma engenhoca pesada coberta de reluzentes cabecinhas douradas.

– Estou cercado! – exclamou Korotkov. – Os bombeiros.

Debruçado no parapeito, ele fez pontaria e arremessou uma atrás da outra as três bolas. Elas alçaram vôo, depois, descrevendo um arco, foram se espatifar lá embaixo. Korotkov apanhou mais uma trinca, trepou novamente e, erguendo o braço, tornou a atirar. As bolas reverberaram como se fossem de prata, e ao caírem, tornaram-se negras, depois brilharam novamente e desapareceram. Korotkov teve a impressão de que as formigas corriam agitadas na praça ensolarada. Abaixou-se para pegar mais uma porção de projéteis, mas não teve tempo. Junto com o barulho incessante de vidros quebrados, apareceram pessoas na fenda da sala de bilhar. Espalhavam-se como ervilhas, pipocando no telhado. Despontaram queques cinzentos, capotes cinzentos, e pelo vidro superior, sem tocar o chão, chegou o velhote de lustrina. Em seguida, a parede acabou de se despedaçar, e surgiu ameaçador, patinando sobre rodas, o terrível Kuéker barbeado, com um velho mosquetão nas mãos.

– Renda-se! – urraram vozes na frente, atrás e acima, e todas foram encobertas pelo ensurdecido, insuportável baixo de panela.

– É o fim – gritou Korotkov com um fio de voz –, é o fim! A batalha está perdida. Tã-tã-tã! – corneteou com os lábios o toque de recolher.

A coragem da morte invadiu sua alma. Agarrando-se e mantendo o equilíbrio, Korotkov trepou numa pilastra do parapeito, cambaleou, empertigou-se todo e gritou:

– Antes a morte que a desonra!

Os perseguidores estavam a dois passos. Korotkov já via os braços

estendidos, já uma chama chispava da boca de Kuéker. O abismo ensolarado atraía Korotkov de tal modo que não conseguia respirar. Com um estridente grito de vitória, ele deu um salto e decolou. Num relance perdeu o fôlego. Vagamente, muito vagamente, ele via algo cinzento com buracos negros, como que de uma explosão, decolar a seu lado. Em seguida, com muita clareza, viu o cinzento despencar enquanto ele próprio subiu em direção à frincha da travessa, que lhe aparecia acima. Em seguida, um sol de sangue explodiu, tinindo em sua cabeça, e ele não enxergou absolutamente mais nada.

## OS OVOS FATAIS

---

### I

#### O CURRICULUM VITAE DO PROFESSOR PIÉRSIKOV

Ao anoitecer do dia 16 de abril de 1928, Piérsikov, professor de zoologia da Universidade Estatal IV e diretor do Instituto de Zoologia de Moscou, entrou em seu gabinete no Instituto, ali na rua Herzen. O professor acendeu o globo opaco do teto e passou os olhos pela sala.

Essa malfadada noite, justamente, deve ser considerada o início de uma terrível catástrofe, assim como o professor Vladímir Ipátévitch Piérsikov, justamente, deve ser considerado sua causa primeira.

Ele tinha cinquenta e oito anos completos. Uma cabeça digna de nota, em forma de pilão, calva, com tufo de cabelos amarelados que se eriçavam nas têmporas. Rosto bem barbeado, lábio inferior protuberante. Isso acabava conferindo à fisionomia de Piérsikov certo ar de instabilidade. Sobre o nariz vermelho, pequenos óculos à moda antiga, com aros de prata, os olhinhos brilhantes, miúdos; e ele era alto, encurvado. Falava com uma voz chiante, fina, coaxante, e dentre outras esquisitices possuía esta: ao falar algo em tom convicto e sentencioso, transformava o dedo indicador da mão direita num gancho e apertava os olhinhos. É como sempre falava em tom sentencioso, pois que em seu campo era de uma erudição absolutamente fora do comum, o gancho sempre aparecia diante dos olhos dos interlocutores do professor Piérsikov. Fora de suas especialidades, isto é,